

O DISCURSO MIDIÁTICO DOS JOGOS PAN-AMERICANOS RIO/2007 E A CANDIDATURA AOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016: O “TRAMPOLIM” DO BRASIL

Guilherme Ferreira Santos
Doiara Silva dos Santos

RESUMO

O local de realização dos Jogos Olímpicos (JO) é escolhido sete anos antes da sua realização. Muito mais cedo, países interessados em sediar tal acontecimento fazem sua “campanha” envolta num “jogo” político. Tem-se como objetivo realizar a Análise Crítica do Discurso da Rede Globo de Televisão na cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos do Rio – 2007 (PAN) no que concerne à idéia de “nível olímpico de organização”. Os discursos centralizaram-se no desejo de uma edição dos JO no Rio de Janeiro em 2016. O sucesso do PAN no Rio tornara-se, portanto, um “trampolim” para esse “sonho”.

Palavras-chave: Jogos Pan-americanos. Discurso. Jogos Olímpicos. Rede Globo.

ABSTRACT

The choice of location for the Olympic Games is made seven years before its realization. Much earlier, countries with an interest in hosting this event are applying and play a policy "game" around the "campaign". This article aims to do a Critical Discourse Analysis of Rede Globo in the opening ceremony of the Panamerican Games in Rio – 2007 (PAN) regarding the idea of "Olympic level of organization". The speeches were centered in the desire of an edition of the Olympic Games in Rio de Janeiro in 2016. The success of PAN in Rio became, therefore, a "springboard" for this "dream".

Keywords: Panamerican Games. Discourse. Olympic Games. Rede Globo.

RESUMEN

El lugar de los Juegos Olímpicos (JO) es elegido siete años antes de su realización. Mucho antes, países interesados en acoger este evento hacen "campana" envuelto en un "juego" político. Tenemos como objetivo lograr el Análisis Crítico del Discurso de la Rede Globo de Televisión en la ceremonia de apertura de los Juegos Panamericanos de Rio – 2007 (PAN) em relación com la idea de “organización de nivel olímpico. Los discursos mostraron el deseo de una edición de los JO en Rio de Janeiro en 2016. El éxito de PAN en Rio sería "trampolín" para la realización de este "sueño".

Palabras clave: Juegos Panamericanos. Discurso. Juegos Olímpicos. Rede Globo de Televisión.

INTRODUÇÃO

A escolha do local de realização dos Jogos Olímpicos é feita sete anos antes de sua realização. Muito mais cedo, países interessados em sediar tal acontecimento se candidatam e fazem um “jogo” político em torno da “campanha”. Cidades da América do Sul nunca conseguiram “convencer” o Comitê Olímpico Internacional (COI) para serem sede dos Jogos. O Rio de Janeiro, porém, quer quebrar esse “tabu” em 2009, e sediar os Jogos de 2016. Para tanto, a cidade organizou e realizou em 2007 os Jogos Pan-americanos, tendo como alvo um “patamar olímpico”.

Diante disso, percebemos que existem discursos relacionados a essa idéia de patamar olímpico que são mediados principalmente pela TV. Desse modo, perguntamos: qual a configuração dos discursos televisivos relacionados aos Jogos Pan-americanos (PAN) do Rio que demonstram os interesses em sediar uma edição dos Jogos Olímpicos (JO)? O presente estudo tem como objetivo central analisar a configuração do discurso da Rede Globo de Televisão (RG) na cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos do Rio – 2007 no que concerne à idéia de “nível olímpico de organização”. Para isso, utilizaremos a Análise Crítica do Discurso (que será discutida adiante).

Assim, o referencial de Bourdieu (1997) dá contribuições acerca dos JO e suas imbricações com a TV. Primeiramente, Bourdieu questiona o que sejam os Jogos Olímpicos. Ele mesmo responde:

O referencial aparente é a manifestação ‘real’, isto é, um espetáculo propriamente esportivo, confronto de atletas vindos de todo o universo que se realiza sob o signo de ideais universalistas, desfile por equipes nacionais, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais. O referencial oculto é o conjunto das representações desse espetáculo filmado e divulgado pelas televisões, seleções nacionais efetuadas no material em aparência nacionalmente indiferenciado (já que a competição é internacional) que é oferecido no estádio. Objeto duplamente oculto, já que ninguém o vê em sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade. (BOURDIEU, 1997, p. 123, grifo do autor).

A representação televisiva torna a competição esportiva entre atletas de todos os países em um confronto entre os campeões (no sentido de combatentes devidamente delegados) de diferentes nações. Isso ocorre pelo fato de que “cada televisão nacional dá tanto mais espaço a um atleta ou a uma prática esportiva quanto mais eles forem capazes de satisfazer o orgulho nacional ou nacionalista” (BOURDIEU, 1997, p. 123-4).

Essa transmutação simbólica (BOURDIEU, 1997, p. 124) é melhor compreendida se analisada a construção social do espetáculo olímpico, tanto das competições quanto dos desfiles de abertura e encerramento. Desse modo, Bourdieu (1997, p. 124-5) diz que nas organizações esportivas, esportes diferentes têm pesos diferentes, dependendo de seu sucesso televisivo e dos lucros econômicos correlatos. Contudo, seria preciso adotar como objeto o conjunto do campo de produção dos jogos Olímpicos como espetáculo televisivo, isto é, o conjunto das relações objetivas entre os agentes e as instituições.

Esses agentes e instituições se consolidam em um comitê especial: o COI, que é progressivamente, convertido em empresa comercial ocupada por dirigentes esportivos e representantes das grandes marcas industriais (Coca-Cola, Adidas etc.). Por fim, Bourdieu afirma que o campeão, o atleta, ou os atletas são apenas os sujeitos aparentes de um espetáculo que é produzido, de certo modo, duas vezes:

Uma primeira vez por todo um conjunto de agentes, atletas, treinadores, médicos, organizadores, juízes, cronometristas, encenadores de todo o cerimonial, que concorrem para o bom transcurso da competição esportiva no estádio; uma segunda vez por todos aqueles que produzem a reprodução em imagens e em discursos desse espetáculo, no mais das vezes sob a pressão da concorrência e de todo o sistema das pressões exercidas sobre eles pela rede de relações objetivas na qual estão inseridos. (BOURDIEU, 1997, p. 127)

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa se caracteriza tanto grupo das pesquisas descritivas quanto no das pesquisas exploratórias, pois objetiva descrever as características do discurso televisivo e explorar esse objeto de estudo, aumentando a familiaridade com o problema e aprimorando as idéias acerca do mesmo (GIL, 2002, p.41). Para isso, foram utilizadas como técnicas para este estudo a documentação indireta (através de pesquisa documental, a pesquisa bibliográfica) e a Análise Crítica do Discurso. No caso desta pesquisa, gravou-se em DVD's a programação televisiva da RG relativa à cerimônia de abertura dos Jogos PAN do Rio – 2007.

O discurso constitui simultaneamente “três dimensões que se inter-relacionam: texto, interação (prática discursiva) e contexto (prática social)” (FAIRCLOUGH, 1992 apud GOMES, 2007, p. 16). Chama-se esta constituição de quadro tridimensional de Fairclough.

O dispositivo de análise é construído em função de três dimensões múltiplas que se inter-relacionam: a análise textual (que cuida da análise lingüística e deve ser feita conjuntamente com as outras dimensões); análise discursiva (que trabalha com a natureza da produção e interpretação textual); e a análise social (analisa as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e de que maneira elas moldam a natureza da prática discursiva (PEDROSA, 2005).

O “TRAMPOLIM” NO DISCURSO DA REDE GLOBO DE TELEVISÃO

Os Jogos do Rio de Janeiro foram a décima quinta edição dos Jogos Pan-americanos. O Brasil já foi o país sede uma vez em São Paulo no ano de 1963. Vieram mil seiscentos e sessenta e cinco atletas de vinte e dois países. Na década de 1960, a TV estava começando a demonstrar alguns avanços, o número de emissoras começava a aumentar, mas a futura dominante do mercado (TV Globo) ainda não tinha sido aberta. Certamente os Jogos de São Paulo não tiveram uma abordagem televisiva como os do Rio 2007, proporcionalmente falando.

No caso dos Jogos do Rio 2007, a TV aberta brasileira transmitiu seus

acontecimentos através de duas redes de grande porte: a Rede Globo de Televisão e a Rede Bandeirantes de Televisão. Para o presente trabalho, serão considerados os dados da RG, pois esta é a líder do mercado televisivo no Brasil e, conseqüentemente, é a que está mais presente na prática social e discursiva do brasileiro (em posição de “grande excitadora” da sociedade brasileira).

Desde a confirmação do Rio como sede do PAN a RG e a mídia em geral já fazia propaganda sobre eles. Porém, foram três meses antes do início dos Jogos que a agitação midiática veio à tona especialmente no último mês (junho). Muito se falou sobre o evento em programas de diversos gêneros. Como exemplo, os programas humorísticos “Zorra Total” e “Casseta & Planeta”. O brasileiro, então, estava com grande expectativa para o início dos Jogos, principalmente para a cerimônia de abertura, que, de certa forma, foi a “festa” do PAN.

Para a transmissão da cerimônia de abertura, a RG coloca seu principal locutor esportivo, Galvão Bueno (GB), acompanhado de repórteres de renome na conjuntura atual da comunicação brasileira: Marcos Uchôa (MU), João Pedro Paes Leme e Fátima Bernardes (FB).

Percebe-se que a comentarista Fátima Bernardes reforça, mesmo que sutilmente, a idéia de uma possível realização dos JO no Brasil (já que esse PAN do Rio estaria, segundo ela, tão bem estruturado, organizado e belo):

FB: [...] o nível da abertura... da cerimônia de abertura é um nível olímpico. E eu não esperava nada diferente não. Porque um país que consegue produzir um desfile de escola de samba como a gente faz, tem know-how, tecnologia, conhecimento, capacidade pra fazer uma festa inesquecível pra quem tá aqui e pra todos que estão em casa, com certeza.

A argumentação que a repórter usa para se posicionar favorável a uma futura realização de JO no Brasil é exatamente em torno do “nível” da cerimônia de abertura do PAN do Rio. Isso mostra um caráter de excitação em seu discurso. Porém, ela não diz quais critérios usou para interpretar o “nível” do PAN do Brasil como um “nível olímpico”. Não deixa claro sob quais circunstâncias o “nível” é olímpico. Outra situação é seu argumento sobre a organização da abertura do PAN comparada com a organização do carnaval carioca, pois o cidadão do Rio de Janeiro (também graças à RG) está acostumado a assistir este evento e se identifica com ele durante o PAN do Rio.

Um diálogo interessante entre Galvão Bueno e um repórter de sua equipe (Marcos Uchôa) ocorre no seguinte enunciado:

GB: O que que você espera? Será que esse Pan-americano, ele, ele pode surpreender a todos pela grandeza, não só da cerimônia de abertura, mas também do esporte, das, das provas e dos jogos?

MU: É. Eu acho que, sem dúvida, o que a gente espera é que o Pan-americano seja um trampolim pra uma Olimpíada em 2016, o que todo mundo gostaria e... e é um privilégio e um prazer e um orgulho a gente ver um evento, a gente vê tantos eventos fora do Brasil, e de ver agora um evento como esse aqui no

Brasil realmente é uma maravilha pra todo mundo. Claro, esperamos a Copa do Mundo 2014, lógico, vamos ser mais ambiciosos, vamos pensar também nas Olimpíadas de 2016...

Na resposta de Marcos Uchôa, nota-se uma fala carregada de sentido ideológico político, pois a realização de um grande evento esportivo, como é o caso dos Jogos Pan-americanos, traz certo prestígio político internacional a um país. A “emoção” do PAN não seria para ser aproveitada apenas agora, pois os Jogos no Brasil podem trazer uma conseqüência ainda mais grandiosa: a realização de JO no Brasil. Porém, isso dependerá da competência da organização desses Jogos Pan-americanos. Do contrário, o prestígio do Brasil, não só político, mas também esportivo, ficaria prejudicado.

Segundo Fairclough (1997, 2001a apud RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 43), na hegemonia de poder, as relações de dominação são mais bem sucedidas quando baseadas em consenso, e não na força. Nota-se que a fala de Marcos Uchôa traz consigo uma ideologia hegemônica de caráter implícito: o comentarista tem em sua fala uma perspectiva convincente sobre uma futura excitação que traria muita alegria ao povo brasileiro: a realização de um evento de porte mundial. Nesse sentido, a “alegria” do povo pode significar uma reprodução de dominação, pois este ficaria “distraído” e desatento às relações de poder em nossa sociedade moderna subdesenvolvida.

Na entrada da delegação brasileira, o público não conteve o grito e teve um momento de excitação prazerosa:

GB: E aí vem o Brasil!

FB: Maracanã de pé. Ninguém mais agora quer ficar aí sentado.

GB: Agora, é como se fosse um grande jogo de futebol e um gol da seleção brasileira (imagem dos atletas de Brasil entrando e som do público vibrando como se fosse realmente um “gol”).

MU: O Van... o Vanderlei parece mais um passista de frevo! (Câmera mostra o Vanderlei Cordeiro de Lima pulando, dançando e vibrando com a bandeira à frente da delegação brasileira).

GB: Olha ele aí! Como diria... já que o ritmo é de escola de samba, como diria o Neguinho da Beija-Flor: “Olha o Vanderlei aí, gente!”. (Câmera mostra o presidente Lula com um semblante sério). Tá Sério o presidente. A alegria do Vanderlei.

FB: Vem pulando que nem pipoca, né?

GB: E a alegria do brasileiro presente aqui ao Maracanã (câmera mostra imagem de espectadores no Maracanã pulando e dançando ao ritmo do samba). Já imaginaram se tivémos a confirmação, e parece que já... é noventa e nove ponto nove por cento da Copa do Mundo em 2014... e se pintar uma Olimpíada em 2016?

Outra referência interessante é feita por Galvão Bueno sobre a possibilidade de Copa do Mundo no Brasil em 2014 e JO em 2016. Ele diz, então, que se nos Jogos Pan-americanos está assim (tão emocionante), imagine em um desses eventos? Essa

referência remete o telespectador a um sentimento de “glória” nacionalista, isto é, faz o telespectador pensar-se como parte desta nação acolhedora do esporte.

O desfile dos atletas termina e se inicia uma série de apresentações artísticas relacionadas ao folclore e à cultura brasileiros. O locutor e os comentaristas da Globo narram essas apresentações e também “explicam” seu enredo. As performances artísticas são divididas em três temáticas: “A energia do sol”; “A energia das águas”; e “A energia do homem”. Na primeira temática, observa-se que o locutor e os comentaristas falam emotivamente sobre a “exuberância” da fauna e da flora brasileira, sempre fazendo referência ao “nível” do espetáculo no Brasil:

GB: E agora vamos na seqüência da festa de abertura. Esta parte é dedicada à energia do sol, aos pântanos, aos campos, à vida animal, vegetal... (A atriz Nathália Timberg recita poema de Arnaldo Antunes). A grande atriz, Nathália Timberg, uma das damas do teatro e da dramaturgia brasileira falando sobre a vida, a força da vida e o tema desses Jogos Pan-americanos: a energia. Vamos, então, a esta parte da festa.

(...)

FB: A partir de agora, nós vamos ver de que forma a Rosa Magalhães vai pretender mostrar o Brasil e o Rio de Janeiro, onde são sediados os Jogos, nós vemos aí um jacaré de trinta metros, preparado pelo pessoal de Parintins.

(...)

FB: Acima de tudo o que a gente pode ver nessa primeira parte, que ela pretendeu mostrar, é toda a exuberância mesmo, a vitalidade da nossa vegetação, da nossa fauna, essa era... esse era a... o primeiro impacto que ela queria passar.

O “mostrar o Brasil”, a que se referiu Fátima Bernardes, tem uma demarcação muito forte de sentido político. Não é apenas mostrar o Brasil para os estrangeiros que vieram participar dos e assistir aos Jogos, mas é mostrar para o COI e para outras entidades esportivas que o Brasil tem condições de realizar uma edição de JO. Essa intenção já foi citada aqui e é realmente importante percebê-la.

Muitas vezes (anteriormente) o discurso da Globo já tendeu a essa idéia e tenderia ainda mais com o decorrer da cerimônia de abertura e com o decorrer dos próprios Jogos, culminando em sua cerimônia de encerramento. Essa idéia é perceptível também no discurso de Carlos Artur Nuzman durante a solenidade de abertura dos Jogos.

Durante várias imagens do espetáculo artístico, Galvão Bueno faz um comentário bastante interessante para Fátima Bernardes e para o telespectador:

GB: [...] vou dizer uma coisa, eu já vi homem voar no céu... na abertura dos Jogos de Los Angeles, já vi barcos navegando no Mar Mediterrâneo em Barcelona, eu já vi o encontro dos extremos na Coréia, mas, Fátima, não saio daqui hoje com... com vergonha de nada não, tá muito bonito.

FB: Tá lindo. Eu acho que tá parecido com a gente, isso é que é

mais importante.

O “orgulho” é uma marca subjetiva da emoção no discurso do locutor. Posteriormente, Galvão Bueno repete uma de suas falas e “reafirma” (de forma implícita) que, ante a tantos Jogos nos quais ele estava presente, estes Jogos do Rio não o deixaram com vergonha:

GB: Uchôa, nós fizemos tantas Olimpíadas juntos, cerimônias de a... Olimpíadas juntos, eu brincava, disse que vi o homem voar lá no Coliseu, em Los Angeles. Vi... os barcos navegarem no Mediterrâneo, em Barcelona, por exemplo, o encontro dos extremos, Ing e Yang, muito bonito, na Coreia, em oitenta e oito, tantas cerimônias, eu fico muito feliz de ver a beleza, a cara, como disse a Fátima, a nossa cara, a alegria, muito bonita, um som excepcional, a riqueza que só uma Rosa Magalhães poderia vestir realmente, a capacidade que o Brasil tem de fazer um desfile de escola de samba como faz, uma festa lá de Parintins como faz, juntando isso, mais o amor que o brasileiro tem, teria que ser uma festa belíssima como essa, uma festa de nível olímpico. Extrapolou tudo que já foi feito em algum Pan-americano.

Ao citar todas essas festas de aberturas em diferentes Jogos, o locutor cria um clima de confiabilidade com o telespectador: está implícita a idéia de que esses países citados são de primeiro mundo, ou são países “lá de fora”, longe (não só espacialmente, mas, também em desenvolvimento). Assim, o Brasil, mesmo sendo um país subdesenvolvido, mostra que pode ser competente na realização de um evento como esse. Quando o locutor fala das qualidades que ele viu na cerimônia, o faz de maneira emotiva e identifica o “povo brasileiro” com a festa, isto é, dá características dos brasileiros à festa, dizendo que ela tem “a nossa cara”, tem “alegria”.

Outro momento interessante é quando Galvão Bueno fala sobre um sentimento do brasileiro de modo geral: “o amor”. Ele se refere a essa dimensão “sentimental” para argumentar que a festa da cerimônia de abertura do Rio “extrapolou tudo que já foi feito em um Pan-americano”, ou seja, segundo o narrador, o nível do espetáculo está alto, indicando que outras edições dos Jogos Pan-americanos não obtiveram nível tão alto.

CONCLUSÃO

As falas aqui analisadas formam os discursos constitutivos da RG (durante a cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos Rio – 2007) que estão relacionados à uma possível organização de um evento maior no futuro (os JO). Assim, a citada emissora de TV lançou discursos a favor de uma especificidade: o desejo de sediar uma edição dos JO no Rio de Janeiro em 2016.

O sucesso do PAN no Rio tornara-se, portanto, um “trampolim” para esse “sonho”. Esse desejo de realizar os JO está configurado em uma rede lingüística

complexa onde os processos de interação entre os locutores e os espectadores se dão principalmente através de “provas” concretas e visíveis testemunhadas pelos profissionais da RG e transmitidas para todo o país com o status de confiável.

Muitos fatores (não-relacionados ao conteúdo emocional do espetáculo) não são passados para o público, como, por exemplo, exigências que o Comitê Olímpico Brasileiro faz em relação à estrutura da cidade candidata. Percebe-se que um dos aspectos discursivos ao qual esse “desejo” está relacionado é seu uso enquanto prática social dos falantes da Rede Globo.

Obviamente, a análise feita não deu conta de todos os aspectos pertinentes ao estudo e nem esgotou o assunto (até porque não foi apenas nesta transmissão que se veicularam momentos de “desejo intenso” de realização dos JO de 2016 no Rio de Janeiro). São necessárias outras análises sociológicas em momentos distintos, sob diferentes métodos e, especialmente, sob outros olhares do processo de comunicação, não apenas da RG, mas também de outras redes de TV, abertas e fechadas, considerando seus contextos de produção e suas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

1. A TV no Brasil: uma história de sucesso. Revista TVA, São Paulo, v. 6, n. 61, set. 1996. Suplemento.
2. BOURDIEU, P. Sobre a televisão; seguido de “A influência do jornalismo” e “Os Jogos Olímpicos”. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
3. BRAZIL: Beyond Citizen Kane. Produção de Simon Hartog. Londres: Channel Four, 1993. 1 DVD.
4. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
5. GOMES, M. C. A. Considerações sobre os estudos discursivos críticos: o projeto social discursivo de Norman Fairclough. In: _____; MELO, M. S. de S.; CATALDI, C. Gênero discursivo, mídia e identidade. Viçosa: Ed. da UFV, 2007.
6. MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. rev. amp. São Paulo: Atlas, 2007.
7. PEDROSA, C. E. F. Análise Crítica do Discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, v. 9, n.º. 03 - Primeiros Trabalhos - Tomo II. Jul. 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>>. Acesso em: 11 mar. 2008.
8. RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. Análise de discurso crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

Nome: Guilherme Ferreira Santos
Endereço: Rua Álvaro Gouveia, N. 630, Centro, Viçosa-MG, CEP: 36570-000
E-mail: jeffter@gmail.com. Pôster.